



OBSESSÃO E LOUCURA

A obsessão é capaz de provocar a loucura.

A Ciência Médica, entretanto, sequer leva em consideração este fato. Mesmo porque não admite, ainda, a sobrevivência do Espírito. Esta relutância na admissão do fenômeno obsessivo leva a sociedade científica a considerar o problema da loucura limitadamente. Segundo Bezerra de Menezes “(...) Até hoje, a Ciência só conhece a loucura que resulta, de um modo permanente, da perturbação do pensamento, com sua sede no cérebro.

Podem variar causas e formas, mas o estado patológico do indivíduo é sempre o mesmo: a loucura caracterizada pela perturbação mental e pela sede no cérebro. Sem que o cérebro sofra, não pode haver, para a Ciência, o fenômeno psíquico-patológico da loucura. (...) (03)

Ainda que dentro da sociedade científica exista a constatação de loucura sem o comprometimento cerebral, tal fato não é admitido claramente. E é justamente neste ponto que os diagnósticos e prognósticos médicos se tornam falhos.

Quando os profissionais de medicina conseguem detectar lesões no cérebro podem estabelecer uma conduta clínica, seja terapêutica, seja cirúrgica. Quando porém, a loucura se manifesta e não se encontram lesões físicas no sistema nervoso, torna-se difícil, senão impossível, de se estabelecer um tratamento médico.

A loucura, pois, se manifesta de duas maneiras distintas: com e sem lesão cerebral. Bezerra sugere na obra *A Loucura Sob Novo Prisma*, citada anteriormente, que para casos distintos haja, naturalmente, tratamentos diferentes: os problemas orgânicos-cerebrais devem ser tratados com os cuidados que requerem, por médicos. Já nos casos em que o problema não é físico, deve-se proceder de forma a levar em conta as causas extra-físicas atuantes. Ora, o cérebro como órgão físico não é o centro da inteligência humana, visto ser ele apenas mais um instrumento de que se serve a alma. É, pois, ela quem pensa, raciocina, imagina, servindo-se do cérebro. Portanto, estando ele com alguma perturbação, ou lesão, é natural que o desempenho da alma seja também afetado por não poder se manifestar adequadamente com um instrumento que se encontre danificado.

A obsessão, contudo, traz complicações que dificultam e tornam mais complicado o caso em si. Não que ela seja por si só a loucura, mas a sua progressão para estágios mais adiantados como a subjugação, e, sem o devido tratamento, podem levar a casos de loucura. É o que nos transmite Kardec em *O Livro dos Médiuns*: “(...) Entre os que são tidos por loucos, muitos há que apenas são subjugados; precisariam de um tratamento moral (espiritual), enquanto que com os tratamentos corporais os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes (...).” (01)

Nos casos de obsessão, portanto, o que vai determinar a perturbação na transmissão do pensamento, é interposição dos fluidos do Espírito obsessor, entre o agente (alma) e o instrumento (cérebro), de modo que fica interrompida a comunicação regular dos dois.

A alma pensa mas seu pensamento só se manifesta de maneira truncada, imperfeitamente, em razão da barreira imposta pelo obsessor. (04)

“(...) Temos, portanto, que tanto na loucura, como na obsessão, o Espírito é lúcido, e que, tanto num como noutro caso, o mal consiste na irregularidade da transmissão ou manifestação do pensamento.

E temos mais, que tal irregularidade é devida, num caso, à incapacidade material do cérebro para receber e transmitir fielmente as cogitações do Espírito, e noutro caso tudo se limita a não poderem aquelas cogitações chegarem integralmente ao cérebro. (...)” (05)

Devemos considerar, ainda, que a ação persistente e malfazeja de um Espírito sobre outro poderá, com o passar do tempo, produzir lesões físicas, às vezes, irreversíveis.

As obsessões estão também referenciadas no Novo Testamento com o nome de possessões. Em alguns casos narrados a obsessão está bem evidenciada.

Citemos alguns exemplos, a título de ilustração.

Em Marcos, 1:21-27 e Lucas, 4:33-36, está narrada a cura que Jesus proporcionou a um endemoniado em Cafarnaum. O endemoniado, Espírito imundo ou demônio imundo são maneiras de nominar o que hoje chamamos de obsessor.

Mateus, 9:32-34, há um relato da cura de um mudo endemoniado. Neste exemplo, o obsessor constrangia o obsidiado a não fazer uso da palavra.

Há outra narrativa, encontrada em Mateus, 12:22-28, em que o obsidiado, subjugado pelo obsessor, fica mudo e cego.

Em todas estas narrativas destaca-se a figura ímpar de Jesus que com sua bondade e força moral libertava obsessores e obsidiados, curando-os, porque “(...) A imensa superioridade do Cristo lhe dava tal autoridade sobre os Espíritos imperfeitos, chamados então demônios, que lhe bastava ordenar se retirassem para que não pudessem resistir a essa injunção.” (02)

* * *

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Da Obsessão. In:_. O Livro dos Médiuns. Trad. de Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Item 254 (6), pág. 323.
- 02 - Possessos. In: —. A Gênese. Trad. de Guillon Ribeiro. 36. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Item 33 e 34, pág. 330.
- 03 - MENEZES, Adolfo Bezerra. Ao leitor. In: —. A Loucura Sob Novo Prisma. 8. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1993. Pág. 11.
- 04 - Obsessão. In: —. A Loucura Sob Novo Prisma. 4. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1993. Págs. 163-164.
- 05 - Pág. 164.